

ENSINAR LEITURA ÀS CRIANÇAS: MAS COMO?

Ms. Rosângela Maria de Almeida NETZEL (UEL)⁹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo a reflexão quanto a estratégias de ensino de leitura, tendo-se como questão principal de investigação: *que elementos são indispensáveis à mediação de leitura a crianças?* Tal reflexão é relevante, pois os segmentos de Educação Infantil (EI) e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF inicial) possuem demandas que envolvem, entre outros aspectos, aquisição do código, ludicidade e formação de leitores. Para tanto, realiza-se uma discussão com base em dados bibliográficos, ancorando-se em concepções como as de Martins (1994), Manguel (1997), de Bajard (2007), Colomer (2007), Candido (2005), abordadas em uma dissertação de mestrado (NETZEL, 2016), e um relato de experiência publicado nos anais de um evento local (NETZEL, 2017). Espera-se contribuir para uma reflexão quanto ao ensino de leitura, e sobre a importância da boa formação do professor, que exerce o papel de mediador na escola.

Palavras-chave: formação docente; estratégias; leitores.

⁹ roalmeidaprofe@gmail.com

INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em seu Artigo 62, para lecionar na Educação Infantil (EI) ou nos cinco primeiros anos de escolaridade do Ensino Fundamental (EF inicial), exige-se como formação mínima, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996), conhecida popularmente como curso de Magistério.

Ainda que a formação do profissional inclua um curso de licenciatura, complemento que se exige em alguns editais de concurso público para esses níveis, por vezes aspectos importantes sobre o ensino de leitura são deixados de lado devido à quantidade de conteúdos presentes nas grades dos cursos superiores, como ocorre, por exemplo, na Pedagogia e no curso de Letras.

Ao assumir a docência na EI ou no EF inicial, o profissional depara-se com exigências que incluem o ensino do código linguístico, a utilização de estratégias lúdicas para que possa despertar o interesse das crianças, e a responsabilidade, postulada por documentos orientadores e por teóricos da educação e da linguagem, de mediar um aprendizado que vá além do mecânico e do utilitário, que liberte para as possibilidades da criatividade, desde a infância.

Nesse contexto, a formação contínua, ou continuada, é um caminho de aprimoramento essencial que, poderá subsidiar as práticas para além do concreto e do pragmático, para que o professor que leve os estudantes rumo à abstração sem que, no entanto, negue à criança o direito à fantasia que permeia o imaginário infantil, e por que não dizer, as atividades de lazer cotidiano dos seres humanos de qualquer idade.

Quando o professor se vê nessa situação, e assume com seriedade o trabalho de mediador, ele busca unir os polos para a realização de um trabalho significativo.

Dessa forma, desde seu planejamento didático, a literatura se faz presente, em forma de publicações direcionadas ao público infantil, que envolvem brincadeiras com a linguagem, trabalho elaborado com imagens, além de outros artifícios.

Neste trabalho apresentam-se, portanto, alguns apontamentos teóricos quanto à importância da leitura e sobre estratégias de seu ensino na escola de EI e de EF inicial.

A MEDIAÇÃO DE LEITURA A CRIANÇAS

No desenvolvimento da dissertação de mestrado (NETZEL, 2016), sob título “Planejamento digital e literatura como elo interdisciplinar: sonhos possíveis”, foram elencados aportes quanto ao ensino de leitura. Dentre eles, a ideia exposta por Maria Helena Martins (1994), de que as muitas concepções vigentes de leitura são sintetizadas em duas caracterizações: a primeira como uma decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado que ocorre no condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); e a segunda materializando-se em um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica).

Outro teórico importante neste trabalho foi Manguel (1997), que em seus apontamentos quanto ao ato de ler, enquanto prática dependente de convenções, enfatiza a instância cultural que as obras permitem, por basearem resultados de acontecimentos históricos, de modo a estabelecer uma relação igualmente histórica com o que é lido, além de apresentar o argumento de que unir as normas estabelecidas à perspectiva humanista leva o leitor a experiências íntimas com a leitura (MANGUEL, 1997, p. 85-104).

Na relação teórico-prática, a obra que mais se destacou na referida pesquisa, foi *Da escuta de textos à leitura*, de Élie Bajard (2007), em que se estabelece uma didática

da mediação da leitura, retratando esse fenômeno como processo complexo que envolve significado e sonorização como atividades sucessivas.

Entre as considerações de Bajard (2007), em relação à mediação como prática de letramento, algumas reflexões enfatizam a necessidade de uma postura empática para com o aprendiz no ensino inicial de leitura. Assim, destacam-se os seguintes apontamentos quanto às características da escrita, ao posicionamento da criança diante do simbolismo do código, e sobre a atuação do mediador:

a) a escrita ocidental tem natureza alfabética e ideográfica, visto que elementos como espaçamento e pontuação interferem diretamente no significado, portanto, o aprendizado de sílabas e palavras isoladas não faz sentido;

b) a compreensão da forma gráfica do texto e a publicação em voz alta são dois processos separados no tempo;

c) a literatura infantil deve ocupar espaço significativo na escola e fora dela;

d) a transmissão vocal do texto concomitante à exploração imagética dos livros infantis permite um primeiro acesso ao universo da escrita, mantendo-se fiel à escrita elaborada pelo autor;

e) a escuta de textos não leva à leitura automaticamente, de modo que se deve motivar a investigações sobre o livro, que pouco a pouco se constituirão em estratégias de leitura;

f) a continuidade da mediação, mesmo com aprendizes autônomos na leitura, é essencial, o que poderá despertar o desejo de serem também mediadores, revezando papéis com o professor, e afastará o medo quanto à perda do prazer que a sessão de mediação envolve;

g) a *leitura prévia* por parte do mediador é essencial, pois ele *apadrinha* a iniciação definitiva à cultura letrada norteando-se pela ludicidade e pela matéria cultural dos livros;

h) a postura ideal para a mediação de leitura em uma classe numerosa é *face a face* com os alunos, de modo a se oferecer um modelo de proferição, a facilitar a passagem entre margens auditiva e visual, revelando o significado por meio de um duplo acesso à narrativa escrita, e a disponibilizar ao aprendiz o mundo imaginário dos livros e o contato com a matéria linguística mais elaborada;

i) é fundamental que os mediadores gostem de ler, que sejam realmente leitores, pois só assim se poderá pautar a sensibilização de crianças à leitura;

j) mesmo quando não se consideram performáticos contadores de histórias, professores podem encantar a partir da leitura em voz alta, com base em técnicas e conhecimentos específicos à mediação de leitura, como *emissão* (volume, altura, timbre e acento, pontuação, ritmo, velocidade, pausas, variabilidade ou regularidade, melodia e sotaque), *resgate*, *olhar*, *exposição*;

k) o *mestre da escrita*, como professor regente de turma, prioriza a grafia e a autonomia do leitor, com uma missão ainda mais complexa, pois lida com a elucidação de fatos linguísticos;

l) os professores precisam de formação acadêmica aprofundada quanto a saberes e habilidades relacionados à leitura.

Com atenção a essas, e outras características peculiares a cada turma de alunos, se estará mais próximo de propiciar a aquisição do código concomitantemente à mediação de escolhas de leitura, de modo a tornar o livro infantil um elemento de valor entre os alunos, formando-se em cada turma uma comunidade de leitores, a partir do compartilhamento de impressões, de interpretações e de vivências relacionadas à leitura.

Quanto às escolhas de leitura, Colomer (2007) aponta que, como critérios de seleção das obras, deve-se considerar o itinerário de aprendizagem desejado, englobando fatores como qualidade literária, valores morais, opiniões dos leitores (COLOMER, 2007, p.125-139). Outro aspecto enfatizado pela mesma autora, é que

mesmo diante de novidades tecnológicas, algumas habilidades, como é o caso da leitura, permanecem indispensáveis e se iniciam da maneira convencional, com a aprendizagem do código (COLOMER, 2007, p. 140).

Como base teórica relacionada em Netzel (2016), é pertinente citar Cosson (2007), pois ancorou grande parte das considerações e das práticas empreendidas ao longo da pesquisa, sobretudo por indicar etapas de trabalho com a literatura na escola, sendo elas *Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação*, residindo nesta última, ideias corroboradas por outros teóricos, ao defender o compartilhamento de leituras e a criação de comunidades de leitores, como caminho inicial na formação do leitor. Nesse sentido, Colomer (2007, P. 143-147), enfatiza que o ato de compartilhar a leitura envolve aprimoramento de competência leitora e socialização, podendo constituir-se como uma ponte entre a recepção individual e a recepção cultural mais abrangente, à qual a escola dará condições à criança de atravessar.

Como continuidade à relação teórico-prática iniciada na escrita da dissertação, podem ser apontados os seguintes aspectos, relatados em Netzel (2017):

- a) alunos expostos à mediação de leitura passaram a expressar mais opiniões, enfrentando a timidez e outros medos que antes os impediam;
- b) percebem, aplicam e discutem sobre a importância de modular a fala, utilizando-se de tons baixos, médios e altos, a depender dos objetivos;
- c) são treinadas habilidades de ouvir e de interagir com os outros;
- d) são ampliados repertórios de palavras, de expressões e de histórias, a serem acionados em situações sociais diversas, como muitos fazem durante o trajeto de ônibus da casa para a escola, o que foi percebido a partir do relato dos próprios alunos;
- e) são superados alguns problemas de fala que gerariam *bullying*, como gagueira e ritmo muito avançado na oralização;
- f) os alunos se preocupam em organizar a fala em situações formais e a discutir a possibilidade de se fazer isso;

g) são unidas cultura erudita (livro) e cultura da oralidade, repleta de expressões populares nas explicações e leituras de trechos dos livros durante as apresentações dos alunos;

h) a apropriação das histórias, leva à possibilidade de se discutir com melhores argumentos em relação a variados temas e acontecimentos;

i) o livro tem um valor dentro do contexto da aula e entre colegas;

j) os gostos podem ser formados e manifestados na coletividade;

k) a autonomia e conscientização nas escolhas de leitura foi ampliada;

l) o cuidado com o livro aumenta, pois ele tem um significado além do objeto, é um cúmplice da fantasia, da imaginação e da criatividade;

m) os alunos percebem e defendem a necessidade de silêncio durante as práticas de leitura na biblioteca;

n) a equipe docente passou a compreender melhor a importância do projeto e da literatura no âmbito escolar e fora dele;

o) a tolerância quanto a opiniões que diferiam aumentou, de modo que o respeito passou a ser também mais valorizado entre os alunos.

Diante dessas considerações afirma-se que o ato de ler não pode ser encarado como uma prática mecânica do cotidiano escolar, é necessário considerar também suas instâncias de utilização para além dos muros da escola e, mais que isso, seu potencial emancipatório, no que diz respeito à liberdade de expressão e do respeito à diversidade que o compartilhamento de interpretações pode permitir.

Nesse sentido, a mediação de leitura não traz benefícios apenas aos alunos, pois a partir da prática, no contato “via livro” com autores e teóricos e no contato direto com outros leitores, é possível ampliar a formação docente, cognitiva, organizativa, subjetiva, acadêmica, intersubjetiva e sobretudo humana, exercitando-se o ouvir, motivando-se ao enfrentamento das limitações pessoais e à continuidade da leitura enquanto forma de sobrevivência e crescimento.



Evidencia-se, portanto, a importância da formação docente para ensinar a olhar além do utilitarismo, repensando-se experiências e buscando a transposição da teoria para a prática. Assim, formar leitores, embora seja tarefa árdua, que exige extrema atenção e dedicação, é um trabalho possível na escola de EI e EF, e mais que isso, é uma forma de acesso à cultura popular e à erudita, posto como direito inalienável, atendendo à necessidade de ficção, fator inerente ao ser humano (CANDIDO, 2005), em todas as idades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão teórico-prática, importante subsídio para o aprimoramento didático, pode subsidiar a mediação de leitura a crianças, com base nas noções de que: a leitura é mais que decodificação mecânica de signos linguísticos, que depende de convenções de ordem cultural e histórica; a mediação de leitura envolve significado, sonorização e compreensão como atividades sucessivas, podendo ser uma prática de letramento inicial, gerando-se estratégias e autonomia gradativa em relação ao código, sem que a fantasia e o prazer sejam descartados; as escolhas iniciais de leitura para as turmas podem ser baseadas no itinerário de aprendizagem desejado, englobando fatores como qualidade literária, valores morais, opiniões dos leitores; o aprendizado do código escrito, mesmo diante de inovações tecnológicas, ainda permanece convencional, exigindo dedicação, silêncio, concentração e superação de desafios iniciais; o compartilhamento de leituras e a criação de comunidades de leitores, colaboram na tarefa docente de conciliar ludicidade, ensino do código e formação de leitores, mesmo na formação inicial do leitor.

Por conseguinte, a partir dos apontamentos teóricos, as ideias podem ganhar vida na prática de mediação, possibilitando melhorias ao ensino de leitura na escola. Assim, reafirma-se a necessidade de formação constante dos professores, em que a

relação teórico-prática seja enfatizada, bem como os benefícios à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos a partir de práticas mediadoras de leitura.

Longe de uma finalização de argumentos quanto ao livro e à leitura como elementos de valor a serem privilegiados na escola, reitera-se a importância do direito à literatura, às artes e outras formas culturais, pois independentemente da classe social, as esferas sociais comunicam-se, levando o sujeito a transitar por diferentes instâncias. A escola é o espaço privilegiado para propiciar a todos o direito à leitura e à literatura, desde a infância.

REFERÊNCIAS

BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.7

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 1996. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 27 jul. 2018.

CANDIDO, A. **O direito à Literatura**. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível em:
<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfcg0AA/que-leitura-maria-helena-martins>> Acesso em: 14 out. 2015.

NETZEL, R. M. A. **Planejamento digital e literatura como elo interdisciplinar: sonhos possíveis**. Dissertação de Mestrado. Londrina: UTFPR, 2016. Disponível em:
<http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2155/1/LD_PPGEN_M_Netzel%20C%20Rosangela%20Maria%20de%20Almeida_2016.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.



NETZEL, R. M. A. **Mediação de leitura, partilha e formação humana**. Anais da XVII SEDU - Semana de Educação UEL 2017: Educação e Dilemas Contemporâneos. Londrina, 2017. Disponível em:
<<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/anais/2017/sumario-anais-2017.php>>. Acesso em: 28 jul. 2018.

